ISRAEL
e a Guerra de Atrito

Robert S. Bolia

DESDE QUE surgiu como uma nação independente em 1948, Israel travou seis guerras contra os seus vizinhos árabes. O conflito de 1948-49, conhecido como a "Guerra pela Independência", demonstrou que a nova nação podia sobreviver mesmo face à violenta oposição à sua existência.

Na guerra de 1956, no Sinai, Israel provou que um ataque preventivo pode atrasar durante anos os preparativos de um inimigo para a guerra.

O apogeu da Força de Defesa Israelense (*Israeli Defense Force — IDF*) foi alcançado durante a Guerra dos Seis Dias em junho de 1967 e testemunha o valor da inteligência e do planejamento. A Guerra do Yom Kippur em 1973 revelou o perigo do excesso da autoconfiança israelense e a invasão do Líbano nove anos mais tarde, por parte de Israel, produziu dissentimento interno e conflito entre os objetivos militar e político. Mas a mais longa guerra israelense, a Guerra de Atrito, entre Israel e Egito, de 1967 a 1970, ficou quase totalmente esquecida.[1] Quando é lembrada, é geralmente como prelúdio à Guerra do Yom Kippur.[2]

A Guerra dos Seis Dias resultou na ocupação israelense da Península do Sinai. O Egito procurou forçar Israel a se retirar dos territórios conquistados durante a Guerra e Israel procurou manter a sua posição na Península para impedir uma ofensiva árabe ou egípcia e para chegar a um cessar-fogo regional. As operações de combate foram geralmente limitadas a bombardeios fronteiriços, incursões, emboscadas, ataques aéreos e navais, terror e sabotagem.[3]

A Guerra de Atrito foi a primeira tentativa do Egito para forçar Israel a reconhecer que sua contínua ocupação da Península do Sinai não era do seu melhor interesse. A Guerra também prestou oportunidade para que ambos os lados testassem a eficácia das armas que seriam usadas novamente em 1973.[4] Os resultados da guerra tiveram um efeito profundo nas percepções dos dois lados sobre a eficiência dos seus poderes de combate e dissuasão, que repercutiram no conflito que se seguiu.

O propósito do Presidente Gamal Abd el-Nasser, ao iniciar a Guerra de Atrito, era compelir Israel a se retirar de sua posição ao longo do lado oriental do Canal de Suez e, eventualmente, da Península do Sinai. A sua decisão de iniciar hostilidades foi baseada em uma análise das forças e das vulnerabilidades israelenses. Do seu ponto de vista, uma vulnerabilidade notável era o fato de a população israelense ser menor — comparada à do Egito — o que para ele significava que Israel não suportaria muitas baixas. Nasser também sabia que Israel não tinha um exército profissional de porte, mas que dependia em grande parte de soldados-cidadãos. Isso significava que, não apenas as baixas, mas também a mobilização afetaria a economia nacional israelense.

A estratégia de Nasser era a de produzir um nível suficiente de baixas que seria inaceitável para o povo israelense, ou então, de escalar o conflito de tal maneira que Israel se veria obrigado a mobilizar suas forças por um período de tempo prolongado. Nasser supunha que considerações políticas ou econômicas forçariam Israel a retirar as suas forças armadas para trás das fronteiras pré-1967.[5]

Nasser também propôs usar a maior vantagem da *IDF* — a sua doutrina de mobilidade flexível — contra si própria, forçando Israel a combater usando táticas com as quais não estava acostumado. Os sucessos israelenses em 1956 e 1967 foram devidos, em grande parte, à capacidade israelense de rapidamente atacar com força decisiva o centro de gravidade do inimigo, dependendo para isso do grande uso de blindados.

Durante a Guerra de Atrito, Nasser quis retirar os blindados da equação, atacando a frente israelense ao longo do Canal de Suez com bombardeios de artilharia em massa e incursões de comandos, esperando que a resposta israelense fosse limitada pela barreira física do Canal. Se o Exército de Israel quisesse contra-atacar, seria forçado a atravessar o Canal, arriscando grandes baixas e uma possível intervenção soviética, esticando ainda mais as suas já estendidas linhas de comunicações.[6]

Antecipando a estratégia egípcia, Israel mudou a sua. Após a Guerra de Seis Dias, o alto comando israelense planejou um

meio para defender a sua recente ocupação do território no Sinai contra uma travessia egípcia. Os Generais-de-Brigada Israel Tal e Ariel Sharon propuseram um sistema de defesa. Escreveu Sharon:

Manter uma presença israelense na margem ocidental do Sinai não significa ter que sentar ao longo de toda a margem do Canal. Podemos escolher, cuidadosamente, um ou dois locais, por exemplo, no Great Bitter Lake, *onde não nos encontraremos diretamente debaixo dos seus canhões… Proponho que devemos basear a nossa defesa na linha natural de dunas e colinas que correm paralelas ao Canal, cinco a oito milhas para o leste, dominando a planície do mesmo. Uma segunda linha, com as nossas reservas móveis, deve ser estabelecida de quinze a vinte milhas do Canal, onde começam as montanhas e os passos Mitla e Gidi vão em direção ao interior. Devemos manter patrulhas móveis, entre a primeira linha e o Canal, em movimento constante e imprevisível para não nos expormos como alvos fáceis a emboscadas, franco-atiradores e artilharia.*[7]

Durante toda a guerra, os soviéticos explicaram as perdas egípcias pela covardia dos operadores ou pela falha destes em compreender o treinamento soviético. Reprovaram os egípcios por terem perdido numerosas peças de equipamento de alta tecnologia militar para os israelenses, incluindo carros de combate T-55, T-62 *e um radar* P-12.

A Linha Bar-Lev

Apesar destes e outros argumentos, Sharon e Tal foram desconsiderados pelo General-de-Brigada Yeshayahu Gavish, e pelo Chefe de Estado-Maior da *IDF*, *Lieutenant General* Chaim Bar-Lev. Gavish e Bar-Lev queriam construir uma longa série de fortificações fixas, subseqüentemente conhecidas como a "linha Bar-Lev", no banco oriental do Canal. A maioria dos soldados israelenses não conhecia este tipo de defesa e nunca havia usado arame farpado, minas, ou sacos de areia. Essa defesa também anulou a vantagem israelense da mobilidade e tornou possível a Guerra de Atrito.[8]

A estratégia de Nasser parecia boa, mas não funcionou. O fogo pesado da artilharia egípcia caiu sobre as posições israelenses na linha Bar-Lev, mas mesmo com o aumento das baixas israelenses não surgiu um movimento para terminar a guerra, em Israel. Nasser havia subestimado a força de vontade de Israel para lutar. Embora um grupo de estudantes de escola secundária tivesse escrito à Primeira Ministra Golda Meir, sugerindo que o governo estaria "satisfeito com a idéia de manter a nação em um estado de guerra", e que era difícil reconciliar o seu futuro serviço militar obrigatório com a noção de "ein breira", ("nenhuma escolha" em hebraico), provaram estar dispostos a agüentar a Guerra de Atrito. Os custos do conflito nunca chegaram a ser um assunto político.[9]

Novas Armas

A Guerra de Atrito também foi uma oportunidade para que os dois países pusessem à prova as suas armas mais recentes. O Egito havia recebido centenas de carros de combate soviéticos *T-54* e *T-55* para substituírem os *T-34* e *T-54* que haviam sido perdidos durante a Guerra dos Seis Dias, mas a guerra não iria ser uma batalha com carros de combate em grande escala. Na verdade, o acontecimento mais notável envolvendo os *T-55* ocorreu quando os israelenses atravessaram o Canal com una unidade de seis *T-55* capturados, atacando posições egípcias com carros de combate egípcios.[10]

A tecnologia naval teve apenas um pequeno papel no conflito apesar de ter provocado grandes repercussões para o futuro da guerra. No dia 21 de outubro de 1967, duas lanchas lança-mísseis egípcias ancoradas dentro do porto de Said, lançaram três mísseis superfície-superfície soviéticos *Styx* contra o destróier israelense *Eilat*, navio-capitânia da Marinha de Israel. O *Eliat* estava patrulhando ao longo da costa do Sinai quando os três mísseis o acertaram, afundando-o, matando 47 e ferindo 90 tripulantes. Foi um evento importante na história naval, a primeira vez que um míssil lançado na superfície tinha afundado uma embarcação. O ataque prefigurou as batalhas de embarcações lança-mísseis da Guerra do Yom Kippur e os ataques *Exocet* contra os navios britânicos durante a Guerra das Malvinas uma década mais tarde.[11]

A Guerra de Atrito também marcou o primeiro uso de viaturas aéreas não tripuladas (*unmanned aerial vehicles — UAV*) para reconhecimento. Um major israelense servindo na inteligência da *IDF* sugeriu montar câmaras em aviões miniatura de controle remoto (demasiado pequenos para serem atingidos por fogo antiaéreo), enviando-os por sobre o Canal como aeronaves de reconhecimento. Israel comprou três dessas aeronaves dos EUA por 850 dólares e as primeiras experiências com elas, conduzidas acima de posições israelenses, demonstraram a validade do conceito. Quando o primeiro *UAV* sobrevoou as posições dos egípcios, estes nem sequer atiraram nele, que voltou com excelentes fotografias. Versões avançadas destes veículos têm se tornado, desde então, importantes para o processo de coleta de inteligência.[12]

Avaliando a Tecnologia no Campo de Batalha

As forças aéreas egípcias e israelenses usaram a Guerra de Atrito para conduzirem avaliações importantes de tecnologia. A Força Aérea do Egito (*Egyptian Air Force — EAF*)

Embaixada de Israel

Restos de um avião MIG *da Força Aérea do Egito depois de um ataque israelense.*

aceitou mais de 100 *MiG-21* e centenas de outras aeronaves da antiga União Soviética para substituírem as aeronaves egípcias que Israel havia destruído no solo em seu ataque preventivo contra o Egito no início da Guerra de Seis Dias. Em reação a isto, a Força Aérea de Israel (*Israeli Air Force —IAF*) comprou aeronaves *A-4 Skyhawks* e *F-4 Phantoms* dos EUA.[13]

No início, a *IAF* teve uma função relativamente pequena na Guerra de Atrito, enviando aviões *Mirage* para interceptarem os *MiG* do Egito somente quando estes cruzavam o Canal para atacar posições na linha Bar-Lev e em Sharm el-Sheikh. Eventualmente, porém, o comandante da *IAF*, General-de-Brigada Mordechai "Moti" Hod, enviou formações de *Mirage* Egito adentro para atacar patrulhas de *MiGs* e atrair a *EAF* a combates aéreos, a maioria destes vencidos pelos israelenses. No começo, a *EAF* reagiu aumentando o número de *MiG* enviados para enfrentar os *Mirage*, mas a *IAF* respondeu ao escalonamento. Eventualmente, Nasser concedeu a superioridade aérea à *IAF* e parou de enviar aviões.[13] Mas isto não representou o fim da guerra. Nasser ainda tinha artilharia e os canhões egípcios continuaram a atacar as posições israelenses ao longo do Canal.

Tendo adquirido a superioridade aérea, a *IAF* passou a apoiar o Exército, montando um ataque em massa contra as posições egípcias, lançando 159 toneladas de bombas e 72 latas de *napalm* (bombas incendiárias) durante um período de 2 horas. Os egípcios haviam criado um sistema de defesa aérea em rede, incluindo mísseis soviéticos *SA-2* superfície-ar, mas estes eram eficazes apenas contra alvos acima de 3.000 pés, e os israelenses estavam conscientes disso. Os pilotos da *IAF,* voando abaixo do nível do radar egípcio, destruíram os *SA-2* do Egito, bem com as suas posições de artilharia.[15]

Todavia, nem os egípcios nem os israelenses se davam por vencidos. De fato, ambos escalaram os seus ataques. Nasser implorou por ajuda aos soviéticos. Relutantemente, estes enviaram mais *SA-2*, baterias dos mais recentes *SA-3* e baterias antiaéreas guiadas por radar, as quais eram operadas em rede por soldados soviéticos. As baterias eram eficazes contra alvos voando a qualquer altitude e estavam suficientemente dispersas para que Israel não pudesse atacá-las com facilidade do ar. Quando Israel enviou os seus novos *Phantoms F-4* para neutralizar essas baterias, o Egito derrubou dois dos *Phantoms* em um só dia.[16]

Os EUA reagiram enviando mais *Phantoms* e *Skyhawks* para Israel, assim como casulos de interferência eletrônica para os *Phantoms*. Os casulos, planejados para confundir o radar dos *SA-2*, funcionaram, mas apenas contra estes. Durante a primeira incursão na qual Israel usou os casulos, os *SA-3* acertaram um dos *Phantoms* e abateram outro. Mesmo assim, Israel destruiu 4 das 10 baterias que havia atacado.[17]

Durante toda a guerra, os soviéticos explicaram as perdas egípcias pela covardia dos operadores ou pela falha destes em compreender o treinamento soviético. Reprovaram os egípcios por terem perdido numerosas peças de equipamento de alta tecnologia militar para os israelenses, incluindo carros

de combate *T-55*, *T-62* e um radar *P-12.* Em julho de 1970, a União Soviética decidiu ensinar uma lição a Israel, patrulhando a área do canal com alguns *MiG-21.* Os israelenses responderam derrubando cinco dos *MiG* soviéticos no dia 30 de julho. Três das aeronaves que acertaram os *MiG* eram *Mirages*, mais antigos. Não se tratava de os aviões israelenses serem melhores que os dos russos, mas de os pilotos da *IAF* serem superiores aos seus correspondentes soviéticos.[18]

Nenhum lado podia suportar uma escalonada contínua. Israel havia humilhado os soviéticos, mas estes não podiam arriscar-se a uma escalonada contra um dos principais aliados dos EUA. Similarmente, Israel havia obtido uma vitória tática, mas não podia arriscar-se a pressionar ainda mais os soviéticos. Egito e Israel aceitaram um cessar-fogo, que entrou em vigor no dia 8 de agosto de 1970.[19]

Uma Vitória Vazia

Tanto o Egito quanto Israel se declararam vitoriosos e havia argumentos a serem feitos nesse sentido por ambos. Embora o propósito expresso de Nasser ao travar a guerra fosse o de compelir Israel a se retirar da área do canal, no final da guerra os israelenses permaneciam na margem oriental, certos de que haviam sofrido bem menos baixas que os egípcios. Todavia, apesar do alto custo em vidas humanas, o Egito sentiu ter obtido pelo menos uma vitória moral.

Ao contrário de 1967, quando os egípcios haviam sido humilhados, o Exército e a Força Aérea do Egito haviam combatido valorosamente contra os soberbamente treinados pilotos da *IAF*, e o povo egípcio recuperou uma parte do orgulho ferido. Acredita-se que isto influiu muito na invasão do Sinai por parte do Exército do Egito, três anos mais tarde.

Quase todos em Israel declararam vitória. Contudo, o verdadeiro problema para os israelenses não era saber se haviam vencido ou não, mas o que deixaram de aprender. Por exemplo, eles se aferraram ao conceito da defesa estática, embora lhes tivesse custado muito e não houvesse impedido o bombardeamento egípcio. Essa falha na doutrina militar israelense foi outra vez exposta três anos mais tarde, quando a linha Bar Lev fracassou em impedir uma travessia em massa de soldados egípcios ao longo de toda a extensão do Canal.

Outrossim, quando a guerra terminou, a *IAF* tinha menos comando do ar do que quando ela começou. Os egípcios e seus aliados soviéticos haviam construído uma cobertura defensiva de mísseis. Depois do final da guerra, essa cobertura foi levada à margem do Canal, onde seria mais eficaz contra a *IAF*. A cobertura interferiu com a interdição e o bombardeamento estratégicos, que haviam sido partes normais da doutrina israelense de levar a guerra até o inimigo tão rapidamente quando possível. A cobertura também impediu o progresso das forças terrestres de Israel, porque a *IDF* preferia o apoio aéreo aproximado ao apoio da artilharia.

Israel acreditou ter vencido a guerra e que os egípcios reconheceram tê-la perdido. Israel acreditava que o Egito não o enfrentaria novamente até que este tivesse uma força aérea com a mesma capacidade. Naturalmente, este não foi o caso. As conclusões errôneas de Israel o tornaram complacente, permitindo ao Egito surpreendê-lo com um ataque em outubro de 1973. O antigo comandante da *IAF*, Ezer Weizman escreveu, "É bobagem declarar termos vencido a Guerra de Atrito. Pelo contrário, apesar das baixas que sofreram, foram os egípcios que se saíram melhor… Nos, com as próprias mãos, preparamos o caminho de Israel à Guerra do Yom Kippur."[20] ***MR***

Referências

1. Martin van Creveld, *The Sword and the Olive: A Critical History of the Israeli Defense Force* (Nova York: PublicAffairs, 2002), e Chaim Herzog, *The Arab-Israeli Wars* (Nova York: Vintage Books, 1984), provê uma relação das seis guerras israelenses. Herzog provê a idéia de que a Guerra de Atrito é vista em Israel como um evento passageiro no *The War of Atonement: The Inside Story of the Yom Kippur War* (London: Greenhill Books, 2003), 7. Em *No Margin for Error: The Making of the Israeli Air Force* (New York: Pantheon Books, 1993), 265, Ehud Yonay comenta que a *IAF* nunca criou uma condecoração para a Guerra de Atrito. As datas oficiais da guerra foram março de 1969 – agosto 1970, embora muitos historiadores também incluem a época entre o fim da Guerra dos Seis Dias e março de 1969.

2. Herzog, *The War of Atonement.*

3. Para mais informações veja online no: <www.inter.net.il/~eizen/english.html#attrition>, acessado em 9 de fevereiro de 2004, e <www.palestinefacts.org/pf_1967to1991_warofattrition.php>, acessado em 9 de fevereiro de 2004.

4. Nasser chamou o conflito de "The War of Attrition" (Guerra de Atrito).

5. Benny Morris, *Righteous Victims: A History of the Zionist-Arab Conflict, 1881-2001* (Nova York: Vintage Books, 2001), p. 348; Avi Shlaim, *The Iron Wall: Israel and the Arab World* (Nova York: W.W. Norton, 2001), p. 289; John Laffin, *The Israeli Army in the Middle East Wars, 1948-73* (London: Osprey Publishing, 1982), p. 4.

6. Herzog, *The Arab-Israeli Wars*, 207; Morris, p. 348.

7. Ariel Sharon com David Chanoff, *Warrior: An Autobiography* (Nova York: Touchstone, 2001), pp. 219-20.

8. *Ibid.*, pp. 219-21, pp. 229-31; David Eshel, *Chariots of the Desert: The Story of the Israeli Armoured Corps* (London: Brassey's, 1989), pp. 89-90; Laffin, p. 21.

9. Sharon com Chanoff, pp. 231-32; Shlaim, pp. 294-95.

10. Walter J. Boyne, *The Two O'clock War: The 1973 Yom Kippur Conflict and the Airlift that Saved Israel* (Nova York: St. Martin's Press, 2002), pp.297-98; Eshel, 90-91; Herzog, *The Arab-Israeli Wars*, 199.

11. Samuel M. Katz, *Arab Armies of the Middle East Wars* 2 (London: Osprey Publishing, 1988), p. 4; Herzog, *The Arab-Israeli Wars*, pp.197-98.

12. Ian Black e Benny Morris, *Israel's Secret Wars: A History of Israel's Intelligence Services* (Nova York: Grove Press, 1991), p. 283.

13. Lon Nordeen, *Air Warfare in the Missile Age* (Washington: Smithsonian Institution Press, 2002), pp.105-106.

14. Yonay, pp. 269-73.

15. *Ibid.*, pp. 273-76.

16. *Ibid.*, pp. 281-88.

17. *Ibid.*, pp. 292-97; Nordeen, p. 118.

18. Nordeen, pp. 118-19; Herzog, *The Arab-Israeli Wars*, p. 218.

19. Herzog, *The Arab-Israeli Wars*, pp. 218-19.

20. Van Creveld, p. 215; Shlaim, pp. 296-97; Morris, pp. 262-63.

*Robert S. Bolia, é cientista de computação no Laboratório de Pesquisas da Força Aérea (*Air Force Research Laboratory*) da Base da Aérea Wright-Patterson, em Ohio. É Baharel pela* Wright State University *e atualmente estuda para o seu Mestrado pela* American Military University.